

Confusões à Volta da Unificação Monetária Europeia

João Sousa Andrade

O aparecimento cíclico de algumas confusões a respeito do SME e da participação portuguesa na futura união monetária levou-me a escrever estas observações. Elas dirigem-se para duas questões sobre as quais a reflexão corrente é, por vezes, muito pobre. A primeira consiste em não distinguir claramente nos problemas que o SME ou a UEM enfrentam e podem enfrentar, o que é originado internamente ao SME ou à UEM, e o que é originado do exterior. A segunda refere-se também à identificação da origem dos problemas internos ao SME ou à futura UEM, porque, ainda que eles tenham uma origem interna, essa origem pode estar ao nível dos comportamentos específicos desta ou daquela nação. E com certeza que identificar problemas da construção monetária europeia que têm uma origem externa à União Europeia, ou são específicos a uma ou outra economia, não é o mesmo que identificar problemas internos ou caracterizadores do processo de unificação monetária.

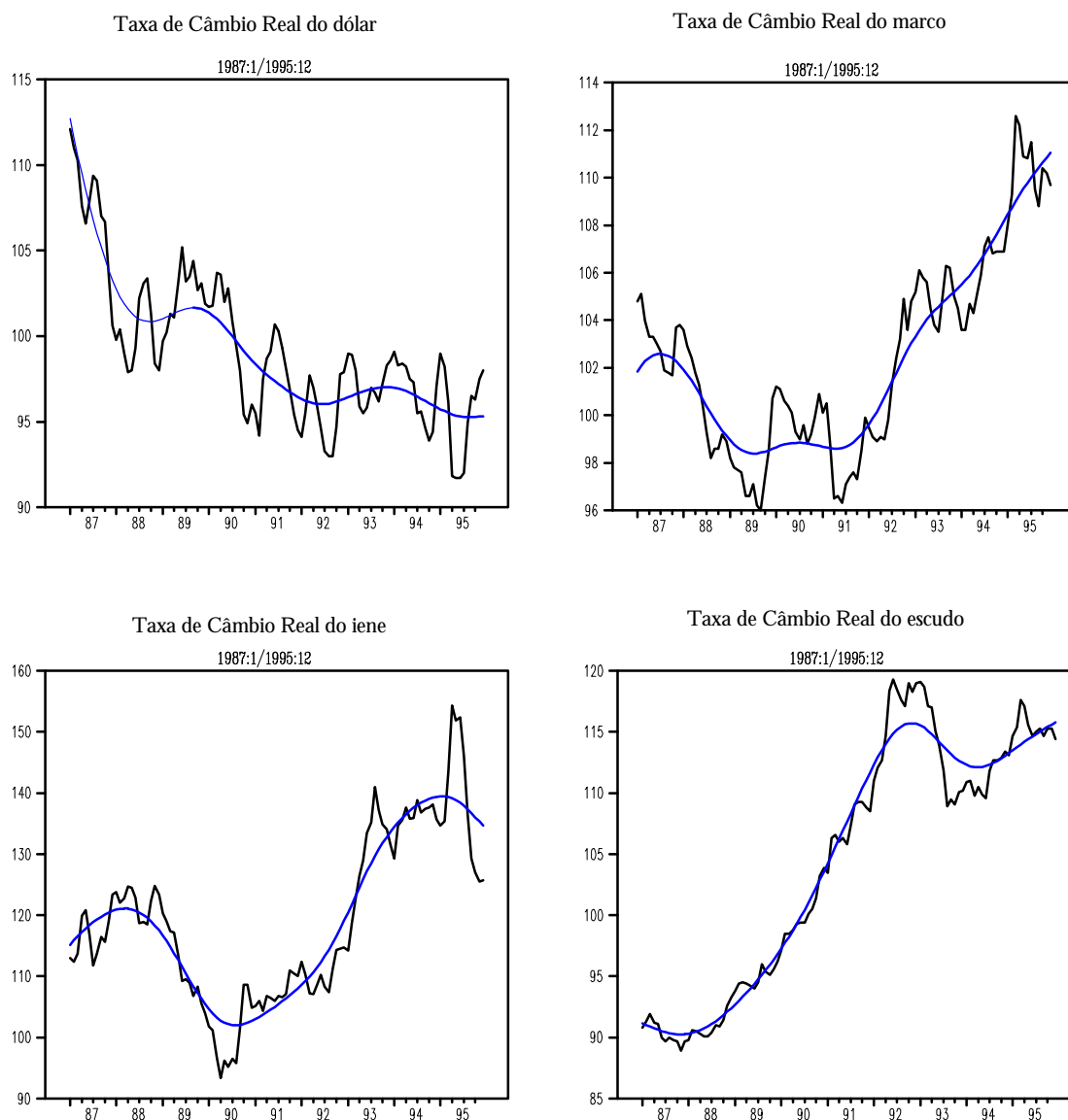
I.

Do ponto de vista do sistema monetário internacional podemos dizer que três moedas dominam a economia do nosso tempo. São elas: o dólar, o marco e o iene. A sua importância advem-lhes das suas características particulares. Assim, o dólar é meio internacional de pagamento e instrumento geral de trocas. O seu domínio não é contestado por nenhuma das outras, embora o seu espaço de circulação tenha vindo a reduzir-se lentamente. Já o marco e o iene são moedas que embora utilizadas como unidade de conta e de reserva de valores, não têm um espaço de circulação como instrumento de trocas e como meio de pagamento, comparável à primeira. A credibilidade associada à política económica alemã e japonesa na defesa da estabilidade do valor interno das suas moedas, leva a que as suas moedas tivessem ganho um cunho de internacionalização importante nas últimas décadas. Se a área de circulação de uma moeda aumenta, é natural que o acréscimo

da procura dessa moeda conduza à sua valorização. Isto é tanto mais evidente quanto maior for o apego da autoridade monetária dessa área à estabilidade dos preços internos.

Se o que dissemos é verdade, então, haverá uma tendência, nos últimos anos, pós experiência Reagan, para uma valorização do marco e do iene e uma desvalorização do dólar. Os Gráficos que apresentamos com a evolução das taxas de câmbio reais, de Janeiro de 1987 ao final do ano de 1995, ilustram bem a ideia que procurámos transmitir. É notória a valorização do marco e também do iene, e pelo contrário, é notória a desvalorização do dólar. E em termos de longo prazo, não devemos surpreendermo-nos com a continuação daquele movimento se as formas de cooperação, nomeadamente a nível do G7, não se alterarem, e levarem ao estabelecimento de paridades estáveis entre aquelas moedas, o que, diga-se de passagem, “anda no ar” desde a Cimeira de Bona de 1978 e mais acentuadamente desde a reunião do Hotel Plaza de 1985. Um mundo monetário e político tripolar, pode levar a uma “guerra” cambial e monetária parecida com a que se verificou entre o “bloco ouro”, comandado pela França, e o “bloco dólar”, com a óbvia vitória do bloco inflacionista.

Mas por agora nada mais podemos acrescentar à constatação que acabámos de fazer. Estamos na Europa, pertencemos à zona marco, pertencemos a uma zona cuja moeda se valoriza, e por isso também a nossa se valoriza. O quarto Gráfico é bem ilustrativo desta cadeia lógica. As questões mais interessantes a colocar, quanto ao futuro do sistema monetário internacional, estão já aqui esboçadas. Qual a relação de câmbio entre aquelas moedas? A que resulta da independência de cada uma daquelas autoridades monetárias, com a continuação da valorização, do o marco, por exemplo, ou a que resulta da acrescida cooperação internacional ao nível da política monetária, com a estabilidade da relação cambial entre aquelas áreas monetárias? Que não possamos responder àquelas questões, é uma coisa, mas que não se tenham em conta na análise do SME e da UEM, é outra bem diferente ...



II.

Talvez não seja necessário insistir no facto de a economia portuguesa ser uma economia aberta, e que depois de 1986 se tornou progressivamente ainda mais aberta, e sobretudo ao nível das importações. Demorou bastantes anos a alterar a prática de negociação salarial com base na inflação esperada e não na inflação passada. E possivelmente vai demorar muito tempo até que as negociações sejam feitas tendo em conta aquela característica de abertura da nossa economia.

Entrámos alegremente no sistema de câmbios do SME, passámos antes disso a seguir uma política de estabilidade cambial, e que consequências tiveram estas políticas na prática da negociação salarial e na política de concertação social ? Nenhuma.

Passemos a evolução dos salários na indústria em Portugal a valores em dólares e em marcos e ainda a valores em dólares constantes e em marcos constantes, tendo sempre em conta o deflacionador do produto interno bruto da economia portuguesa, norte-americana e alemã. E vejamos o que aconteceu para o período de 1990 a finais de 1994.

<u>Evolução dos salários reais (%) no período 1990:I - 1994:IV</u>				
	Média simples	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Escudos	0.92	2.0	-1.45	6.74
Dólares	7.10	15.5	-23.70	32.51
Marcos	3.10	7.8	-10.96	12.42

Como podemos verificar, a evolução dos salários, extremamente moderada, quando avaliada em escudos, esconde uma evolução em termos de poder de compra em dólares e em marcos muito diferente. Os salários cresceram mais de três vezes em marcos que em escudos e praticamente oito vezes mais em dólares que em escudos. Ao mesmo tempo, a flutuação das taxas, quando medidas em termos de dólares e de marcos, foi substancial, o que implica uma forte instabilidade de custos numa economia aberta como a nossa. Não podemos esquecer que o valor máximo de uma taxa de crescimento anual se deu para os salários em dólares e atingiu 32,5%, o que é sem dúvida muito elevado.

III.

Em suma, para além do que acontece ao nível internacional, no que respeita à valorização das diferentes moedas, e que nos diz respeito como cidadãos deste mundo, algo foi acontecendo na nossa economia, relativamente à qual não podemos, nem ficar cegos, nem deixar de ser cidadãos. A instabilidade da evolução dos salários, em termos de dólares e de marcos foi enorme, e se queremos produzir, e não apenas consumir o que outros produzem, alguma coisa terá de mudar. E este último problema não vem da Alemanha ou do marco, ou de Bruxelas, mas de Lisboa.